

## **Para a minha mãe**

Junho recomeçou ontem, e, contudo, houve outro Outono, e um Natal até, a voragem dos dias que nos contrai a alma. Pedem-me um texto sobre a minha Mãe, como se não chovesse já e eu não tremesse ainda. Guardo os seus olhos muito abertos dentro dos meus nessa última noite, como quem perguntasse "não fazes nada?". Os braços agitados quando a voz muda, em gestos longos, insistentes, uma palavra que se desfez no ar.

A noite, essa noite, passou excessivamente depressa, como se da vida uma metáfora.

E a vida, longa embora, uma gota de sol, breve e luminosa em nós que a tivemos. Porque o sol atravessou a sua vida toda, determinada, quente, um fulgor nos olhos quase cinza, nas mãos laboriosas, de quem de toda a circunstância fez uma força maior, e nos juntou e partiu sempre para além de todas as distâncias.

Nunca desistiu de nada; talvez apenas um pouco de si mesma quando a doença violentamente a sitiou. Acreditou na força das suas mãos vazias, na determinação que nos emprestavam, na forma como semeavam os campos e lavravam a vida para um Deus que houvesse. Acreditou em todos os nossos passos e nos futuros que, supunha, eles abriam, e fez-se sempre próxima para que não nos tolhesse a morte.

A minha Mãe foi uma mulher corajosa e doce. Ouço ainda os seus passos de pássaro, as mãos que me tocavam e teciam histórias de princesas, e caminhos que nem ela sabiam muito bem aonde levavam, mas que fosse onde fosse, eram largos e concretos e varridos pelo vento. Tinha sempre um plano, um começo a germinar, uma força ainda. Por vezes a sua persistência não bastou e a contingência dos dias um muro alto. A sua grandeza, porém, foi intuir sempre para lá de todos os cansaços e recomeçar em cada fio de sol. Por isso emprestou a cada instante, mesmo aos mais difíceis, e sobretudo a esses, o leve fulgor da eternidade.

A minha Mãe foi uma mulher recta, quase bíblica, que nunca se serviu da vida como de coisa sua. Atenta às pessoas e às suas circunstâncias, despojada das pequenas glórias e de toda a mesquinhez. E por isso de tantos, e tão diferentes, se fez próxima.

Lembro a sua voz, as mãos, as palavras, o riso, a bagagem que transportava para ultrapassar a secura do tempo. Entro secretamente na sua sala; olho os registos que ao longo da minha infância subiram pelas paredes, como um talismã. Um talismã não. Uma beleza sua, que cultivava como uma habitação e nos curava de outros feitiços. Faz-me falta essa beleza que aprendi a sorver dos seus olhos vivos e das palavras quentes. Só eu sei a falta que me faz.

Pedem-me um texto sobre a minha Mãe. Factos, datas, coisas. É cedo ainda para enumerar a sua vida longa e larga como o mar que me levou a ver. Em cada etapa apenas a tenacidade dos seus passos, a capacidade de refazer, de religar, e prosseguir. Recordo a festa que sempre nos fazia. Uma taça de mousse para os meus anos. Os pratos com flores. As laranjas que concentravam o sol sobre a terra. E os dióspiros muito maduros de onde este brotava sumarento e cheio. Junto um poema que escrevi há muitos anos quando Junho não tinha coberto ainda em silêncio a sua face.

houvesse nesta tarde um olhar intacto  
onde ecoasse como então a tua voz:

era uma vez uma menina que vivia num palácio com vasos do japão

e recomeçasse em mim o lugar exacto  
em que o medo era simples  
(havia ainda azul)  
e próxima ficava a tua mão

depois  
inúmeras lágrimas cruzaram  
a firme vontade que transportas  
e secretas manhãs aqui voltaram  
como se nunca tivessem sido mortas

cada desilusão foi uma força  
cada percalço um recomeço  
e não houve noites que longas soçobrassem  
nem faltou o lume onde me aqueço  
quando o pavor retoma este lugar  
entre as infindáveis dissoluções dos dias  
tua voz ainda enfrenta o tempo

uma menina, sabes, que brincava com a chuva nos corredores do vento

lembro-me de um anjo  
flores secas  
alguém que ao largo te acenou  
sim ainda escuto o anjo  
um anjo de louça que velou a madrugada  
e de insuspeita glória te coroou

Luís Soares Barbosa, Junho 2015.